

do de São Paulo. Ardoroso crítico do socialismo e cético em relação ao comunismo, inevitavelmente assumindo posições que poderiam ser classificadas como conservadoras, perdi a conta do número de vezes em que Aron me deixou irritado. Entretanto, a leitura de suas *Memórias*, mesmo para aqueles que desconhecem completamente sua obra, não deixará dúvidas de que Aron foi um dos expoentes do pensamento liberal contemporâneo e, sempre, coerentemente com sua postura crítica, desafiou os dogmas da esquerda até o fim de sua vida, não cansando de se preocupar com a dialética entre totalitarismo e democracia.

Afrânio Mendes Catani
Professor no Departamento de
Administração da Faculdade de
Educação da Unicamp.

¹*Agrégation*: "é o concurso que dá direito a lecionar nas escolas secundárias. Nas cadeiras de Direito, Medicina e Farmácia, dá acesso ao ensino superior nessas especialidades" — Nota do tradutor das *Memórias* de Aron, Octávio Alves Velho, p.15. A *agrégation* é constituída de sete provas, escritas e orais, nas quais o candidato pode atingir a um máximo de 110 pontos (Aron, op. cit. p. 41). A *agrégation* em Filosofia, por exemplo, inclui "a tradução e o comentário de um texto em grego" (p. 29).

²Ver, a respeito, o artigo de Wilson Coutinho (*Folha de São Paulo*, 10 set. 1986, p.55), em que são discutidas as *Memórias* de Aron e a biografia de Annie Cohen-Solal intitulada *Sartre: 1905-1980* (Porto Alegre, L&PM 1986, 692 p.).

³Aron fracassou em 1948, num concurso de ingresso à Sorbonne, afirmando que Georges Gurvitch foi o escolhido. De acordo com Aron, sua participação como articulista do *Le Figaro* acabou por prejudicá-lo, pois durante sua visita de candidato aos membros da banca, Georges Davy interpretou que, se ele se visse obrigado a optar entre a Sorbonne e o jornal *Le Figaro*, não renunciaria ao jornalismo. G. Davy repetiu essa interpretação na assembleia de professores, "por malícia ou ingenuidade, e decidiu assim uma eleição apertada". Aron afirma que

"(...) havia três candidatos, G. Gurvitch, J. Stoetzel e eu; J. Stoetzel especificou que não agia como candidato diante de mim, mas os favores do diretor da seção de Filosofia, J. Laporte, eram para ele. Os boletins que se inclinaram por ele da primeira vez deveriam normalmente ter sido por mim. As palavras comunicadas por Davy deslocaram provavelmente as poucas vozes que garantiram o sucesso de Gurvitch" (p. 240).

⁴As p. 243, 244 e segs., Aron detalha o papel de P. Brisson na reconstrução do *Le Figaro*, que logo depois da guerra se tornou, em poucos meses, "o matutino nacional" (p. 243).

⁵Em português, foi editado pela Universidade de Brasília (trad. Sérgio Bath) com o título *Paz e guerra entre as nações*, 492 p. A edição original, em língua francesa, data de 1962.

⁶O artigo de Sartre, publicado na revista semanal *Le Nouvel Observateur* (19 jun. 1968), se intitula *As Bastilhas de Raymond Aron*. Ver, em especial, as páginas 531 e 532 das *Memórias*, de onde foram extraídas as citações que aparecem ao longo deste parágrafo.

Lyotard, Jean-François. *O pós-moderno*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1986. 123 p. Trad. Ricardo Corrêa Barbosa.

Que posição ocupa atualmente o saber nas sociedades mais desenvolvidas? Esta é a questão central do livro de Jean-François Lyotard. De acordo com ele, trata-se de um esforço de situar o conhecimento científico na chamada condição "pós-moderna". Esta designação é empregada para referir-se ao "estado da cultura após as transformações que afetaram as regras dos jogos da ciência, da literatura e das artes a partir do final do século XIX" (Introdução, p. XV). O autor interessa-se especificamente pelo jogo que produz a ciência hoje e pelo seu espaço nas sociedades informatizadas.

Uma das marcas registradas da pós-modernidade, enquanto condição da cultura, está na rejeição aos metadiscursos ou aos "grandes relatos", empregados para justificar o conhecimento científico em momentos anteriores. A contribuição da ciência para o avanço da humanidade deixa de ser uma justificativa. A fim de mostrar o significado e o alcance dessa recusa às justificativas que apelam para as "potencialidades emancipadoras ou revolucionárias" do saber, Lyotard examina o que considera alterações de perspectiva quanto à questão do processo de legitimação da ciência.

Em capítulos dedicados ao ensino e à pesquisa, o autor cuida do exame da forma pela qual circula socialmente, e em especial entre os cientistas, a noção de "desempenho". Ao analisar o funcionamento do ensino superior e suas peculiaridades, demonstra-se que, quando o grande critério de pertinência é o "desempenho", o ensino passa a "fornecer ao sistema social as competências correspondentes às suas exigências próprias, que são as de manter sua coesão interna. Anteriormente, esta tarefa comportava a formação e a difusão de um modelo geral de vida, que legitimava ordi-

nariamente o discurso da emancipação. No contexto da deslegitimação, as universidades e as instituições de ensino superior são de agora em diante solicitadas a formar competências e não mais ideais (...)” (p. 89).

No prefácio à edição brasileira, intitulado “Tempos pós-modernos”, Wilmar do Valle Barbosa lembra que, contemporaneamente, a “universidade enquanto produtora da ciência torna-se uma instituição sempre mais importante no cálculo estratégico-político dos Estados atuais. Se a revolução industrial nos mostrou que sem riqueza não se tem tecnologia ou mesmo ciência, a condição pós-moderna nos vem mostrando que sem saber científico e técnico não se tem riqueza.” (p.XI). E partindo daí é que são examinadas as relações entre a ciência e a técnica, e entre estas e o poder, bem como a transformação dessas relações em decorrência da informatização. Entre as idéias vinculadas a este tema, discutem-se a alteração das relações políticas e a posição do Estado como eventual consequência do processo de

desenvolvimento dos bancos de informações que podem se tornar “o instrumento sonhado de controle e de regulamentação”.

Problemas importantes como o de financiamento da pesquisa e os mecanismos de reconhecimento da validade e aceitação dos enunciados científicos aparecem analisados pelo autor, ao mostrar que a ciência pós-moderna deve caminhar pelos meandros do dissenso e da busca do contra-exemplo. Ao explicitar desse modo a questão, Lyotard não perde de vista, entretanto, que o caminho trilhado na construção do conhecimento na pós-modernidade tem tido como uma de suas marcas a noção de “desempenho”, redimensionando suas relações com a técnica (e com o poder). Sobre essas marcas, diz o autor: “(...) sendo a ‘realidade’ que fornece as provas para argumentação científica e os resultados para as prescrições e as promessas de ordem jurídica, ética e política, pode-se vir a ser senhor de ambas tornando-se senhor da ‘realidade’, o que as técnicas permitem. Reforçando-as,

‘reforça-se’ a realidade, consequentemente as oportunidades de ser justo e de ter razão. E, reciprocamente, reformam-se as técnicas de que se pode dispor do saber científico e da autoridade decisória” (p. 84).

Nesse sentido, segundo Lyotard, toma forma a legitimação pelo poder — “este não é somente o bom desempenho, mas também a boa verificação e o bom veredito. O poder legitima a ciência e o diretor por sua eficiência, e esta por aqueles. Ele se autolegitima como parece fazê-lo um sistema regulado sobre a otimização de suas performances” (p. 84).

Para além das discussões técnicas sobre a produção científica, tal como Lyotard as apresenta, importa ressaltar que o livro fornece uma perspectiva original sobre os rumos que podem ser entrevistos na organização do poder e do Estado a partir do novo jogo da ciência e da técnica.

Denice Barbara Catani

Professora no Departamento de Metodologia do Ensino da Faculdade de Educação da USP.

Desenvolvimento Industrial e Rendimento da Terra: Um Estudo de Caso.

Luiz Gonçalves Ávila



Este trabalho se detém num estudo de caso específico – a ligação entre a cultura do milho e o complexo industrial de rações. Procura contribuir para diminuir a lacuna de conhecimentos sobre este ponto, especialmente no caso da agricultura brasileira.

Uma das principais conclusões do estudo foi a verificação de que os agricultores que são mais influenciados pela “presença” da indústria obtêm rendimentos 29% superiores aos dos demais. Esta observação é de grande importância para compreendermos o desenvolvimento da cultura do milho em alguns estados brasileiros e também sugere que a relação agricultura/indústria precisa ser, no geral, mais bem compreendida, para que se acelere o desenvolvimento da agricultura. Um ponto de pesquisa se apresenta: os efeitos sobre o desenvolvimento da agricultura, notadamente em termos de rendimento e produção, resultantes deste duplo papel desempenhado pela indústria.

Pedido à Fundação Getúlio Vargas/Editora